

A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti

*Girl's and woman's representativos on modern fairy tale:
in "Além do bastidor" e "A moça tecelã" by Marina Colasanti*

Lívia Maria Rosa Soares

Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Universidade Estadual do Piauí – UESPI – Teresina – Piauí – Brasil

Resumo: Este trabalho pretende investigar a representação da menina e da mulher na obra infantojuvenil de Marina Colasanti. Para tanto, analisaremos dois contos de fadas da escritora: “Além do bastidor” e “A moça tecelã”, ambos publicados no livro Antes de virar gigante (2003). Além dessas análises, apresentaremos a relação entre a crítica feminista e a perspectiva de gênero, investigando como a autora permite reflexões acerca da representação da mulher em diferentes estágios da vida. Estas personagens aparecem buscando novos papéis sociais, baseados em sua autonomia e independência. Isso mostra uma redefinição em relação às narrativas tradicionais, que apresentam as personagens femininas bem marcadas pela submissão e subordinadas ao poder masculino. Como aporte teórico desse artigo apresentaremos os estudos de Regina Zilberman e Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho pelas importantes análises em torno do caráter histórico e temático que contribuem para uma visão mais consciente e sistemática das narrativas infantis e juvenis de várias épocas. Além disso as abordagens de Lúcia Zolin, Cecil Zinani, Heloísa Buarque de Holanda, servirão de referência para uma visão mais específica sobre a crítica feminista e as representações de gênero na Literatura. Assim mostraremos de que forma Marina Colasanti constrói suas personagens, retomando as origens da literatura infantil ao mesmo tempo em que propõe uma (re)significação dos papéis sociais que foram definidos ao longo da história.

Palavras-chave: Contos de fadas. Modernidade. Representação feminina.

Abstract: This paper aims to investigate the representation of girl and women in the infant-juvenile work of Marina Colasanti. We will analyze two writer of fairy tales: "Beyond the Rack" and "The weaver girl", both published in the book Before turning Giant (2003). In these analyzes, we present the relationship between feminist criticism and the gender perspective, investigating how the author allows reflections on representation of women at different stages of life. These characters appear seeking new social roles based on their autonomy and independence. This shows a redefinition over traditional narratives that present the female characters well marked by submission and subordinated to male power. The theoretical contribution of this paper present the studies of Regina Zilberman and Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho the important analysis around the historic character and theme that contribute to a more conscious and systematic view of children's narratives and youth from various eras. Also approaches Lucia Zolin, Cecil Zinani, HeloisaBuarque de Holanda, serve as a reference for a more specific view of feminist criticism and gender representations in literature. So show how Marina Colasanti builds his characters, resuming the origins of children's literature, yet allowing a (re) signification of the social roles that have been defined throughout history.

Keywords: Fairy tales. Modernity. Female representation.

1 Perfis femininos nos contos de fadas tradicionais: um contraponto

Moeda de Estrelas – irmãos Grimm
Era uma vez uma meninazinha. Seu pai e sua mãe haviam morrido, e ela ficou tão pobre que não tinha sequer um cantinho para morar, nem uma caminha para dormir. Não lhe restava mais do que a roupa do corpo e um pedacinho de pão na sua mão, que um coração compadecido havia lhe dado. Era uma menina boa e piedosa e, por estar sozinha no mundo, saiu pelo campo afora. Nisto encontrou-se com um pobre homem que lhe disse:

-Ah! Dá-me alguma coisa para comer. Tenho tanta fome...(...)

Estando assim, sem ter mais nada, eis que de repente caíram as estrelas do céu, e elas eram verdadeiras moedas duras e polidas. E estava a menina vestida com um vestido novo de finíssimo linho, recolheu as moedas e ficou rica para toda a vida.

(GRIMM, 2004, p. 48)

Como exposto no conto de Grimm em epígrafe, a forma como o conto de fadas foi desenvolvido ao longo da história traz em seu bojo ideais e representações de comportamento que representavam de maneira exemplar a mentalidade pragmática que se consolidava na época. Na narrativa “Moeda de estrelas”, a “meninazinha” apresenta comportamentos que se esperavam das mulheres (resignação, submissão, humildade), bem como os ideais burgueses predominantes (paternalismo, valorização do dinheiro). Essa representação é comum na maioria das narrativas infantis que começaram a ser compiladas inicialmente por Charles Perrault e depois pelos Irmãos Grimm a partir do século XVII.

Dessa forma, antes de analisar as funções femininas nos contos de fadas contemporâneos, é pertinente fazer uma breve exposição dos significados das funções femininas nos contos tradicionais para que se possa melhor compreender o pano de fundo das releituras. Além disso, estudos historiográficos mostram que grande parte das histórias maravilhosas apresentam mulheres como personagens-título ou em papéis de destaque, o que confirma que a representação feminina sempre apareceu com frequência, mesmo quando a autoria era essencialmente masculina.

Na obra *Em busca dos contos perdidos* (1999, p. 111), a pesquisadora Mariza B. T. Mendes faz uma análise dos significados das funções femininas em oito contos de Charles Perrault, que é considerado o percussor das narrativas infantis, destacando neles os prêmios e castigos que a sociedade patriarcal determinou às mulheres:

Os prêmios e castigos para as boas e más ações são a base da moral ingênua, que caracteriza as narrativas de origem popular. As mulheres recebem castigos especiais, que mostram o modo como o sexo feminino é manipulado na sociedade. O uso dos mitos nos contos de fadas em todas as culturas, sempre teve o objetivo de preservar as bases morais e ideológicas da sociedade patriarcal.

Percebe-se, a partir desses contos clássicos, que os atributos das personagens femininas apresentam a mesma regularidade: a resignação diante de algo que aparentemente é imutável, a autoridade e o respeito às leis estabelecidas e impostas por uma sociedade patriarcal. Cinderela, Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho são dóceis e amáveis e lembram as garotas ingênuas e desprotegidas, que estão expostas aos perigos do mundo. As fadas lembram a mãe protetora e as bruxas lembram a madrasta, a mãe malvada. Essas características definem a imagem da mulher que o artista captou em uma determinada época e transmitiu à posteridade, permanecendo após três séculos em diversas produções destinadas a todos os públicos.

Uma das hipóteses para o destaque dado às funções femininas nessas histórias, de acordo com Mendes (1999, p. 125), “está na relação dos contos com os mitos, que, por sua vez, se originaram de rituais praticados nas comunidades primitivas. Nelas, as mulheres tinham um papel social importante de sacerdotisa e as divindades eram femininas”. Porém, essas narrativas clássicas trazem em seus enredos, mulheres passivas à espera de homens que deveriam comandar sua vida. Nesse sentido, os enredos enfatizam o perfil da mulher ideal para que não pairassem dúvidas quanto ao seu papel social, ou seja, imaginação e verdade colocam-se como

alteridades que interagem, mas não se excluem mutuamente.

Desse modo, essas narrativas são concebidas como parte da tradição que influencia a criança e a leva apreender padrões de comportamento e ideias privilegiados pelo contexto de produção da obra. Por isso, ao considerarmos que a sociedade influencia na obra, assim como a obra repercute na sociedade, conforme pressupõe a teoria sociológica de Antônio Cândido (2010), essas histórias ajudam a consolidar e a legitimar as ideologias que elas encerram.

Evidenciam-se duas características nos contos de fadas tradicionais: primeiramente, os protagonistas são mulheres, que enfrentam alguma espécie de ordem constituída. Mas a principal e mais desafiadora é a política. O fato de as personagens pertencerem ao sexo feminino é circunstancial: faculta a concentração temática e sublinha o efeito liberador do livro.

Sobre essa questão Walter Benjamin, no ensaio “Velhos livros infantis”, lembra, que além do caráter educativo citado por muitos estudiosos dos contos de fadas, existe também o outro lado: o do controle, o da manipulação ideológica, que se apropria no ficcional e lhe empresta uma função que não lhe cabe: a de impor a verdade. Sobre isso, o autor observa:

Se o homem era piedoso, bom e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e sociável. Por isso, nos primeiros decênios, o livro infantil tornou-se moralista e edificante, variava o catecismo e exegese no sentido do deísmo. (1984, p. 49).

É inquestionável que essas narrativas fizeram parte da iniciação literária da maioria dos leitores, pois situam personagens num tempo e espaço distantes, que jamais sairão do terreno privilegiado da fantasia. Por outro lado, Benjamin (1984) enfatiza que há uma repressão desse imaginário quando a ficção apenas transporta ideologias. Para o teórico, quando esse tipo de estratégia funciona a literatura morre, pois serve apenas como ação pedagógica ou

moralizadora, distanciando-se dos reais efeitos que um texto literário se propõe.

2 Contos de fadas contemporâneos: novas identidades femininas na escrita colasantiana

Marina Colasanti, assim como importantes autores da Literatura brasileira, também se lançou à produção de obras infantis e juvenis. Em suas narrativas, há um trabalho criativo e consciente com a linguagem, relacionado a elementos desencadeadores de fantasia e imaginação, principalmente associando a configuração estética e lírica de seus contos de fada a uma redefinição dos papéis femininos, que aparece como fio condutor das obras.

Verificamos que a produção da autora caracteriza-se pela diversidade. Colasanti transitou pelo jornalismo, escreveu crônicas, poemas, contos e romances, como também demonstra seu talento através da pintura e do desenho, assinando a ilustração de vários de seus livros. Atualmente é uma das mais inquietas vozes femininas de nossa literatura. Em 1968, lançou seu primeiro livro, *Eu sozinha*, e dez anos mais tarde, a primeira coletânea de contos de fadas: *Uma ideia toda azul* (1978). Desde, então, publicou mais de cinquenta obras entre literatura infantil e adulta. A forma como a autora constrói suas histórias já rendeu vários prêmios, entre eles, destacam-se sete prêmios Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, e mais recentemente, em 2015, foi indicada ao prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel da Literatura infantil e juvenil.

Considerando-se que a representação feminina é uma temática bastante recorrente nas obras de Marina Colasanti voltadas também para crianças e jovens, faz-se necessário ressaltar aspectos relativos à crítica feminista que alcançou maior notoriedade a partir da década de 1960 do século XX. A partir dessa época, importantes estudos enfatizam a necessidade de repensar as coexistência de sujeitos sociais no mundo contemporâneo. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda, “não há mais

como enfrentar a instabilidade conceitual gerada pela emergência de nações mais flexíveis como identidades situacionais ou posicionais, fronteiras flutuantes, derivas de gênero” (2000 p.18).

Entre o final do século XX e início do XXI a teoria feminista passou por importantes atualizações, essas alterações repercutem no debate em torno da pluralidade intrínseca do feminismo contemporâneo. De modo geral, os estudos feministas acompanharam as transformações que foram registradas também acerca do conceito de gênero. Logo no seu surgimento, a crítica feminista foi entendida apenas como movimento de oposição, pois se tratava de um termo que não era utilizado no sentido panfletário, mas como categoria política. Relacionava-se ao feminismo entendido como movimento que preconiza a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, não apenas em termos legais, mas também em termos da prática social.

Em termos de estudos literários, a perspectiva feminista além de ter proporcionado uma experiência estética voltada para a reflexão do olhar feminino, possibilitou também o questionamento de obras que compõem o cânone literário consagrado. Assim, a representação da mulher, a partir de obras de autoria feminina, é capaz de promover uma reflexão sobre o papel social ocupado por elas na vida social e na cultura. Dessa forma, o conceito de gênero aparece imbricado na crítica feminista, o que fez com que o termo assumisse outras nuances, permitindo uma relação entre os atributos culturais referentes a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres humanos.

O sujeito é constituído no gênero não apenas em razão do sexo a que pertence, mas principalmente, em detrimento de códigos linguísticos e representações culturais que o matizam, estabelecidos de acordo com as hierarquias sociais. De acordo com Jonh Scott (1990), a problematização das questões de gênero é uma categoria só útil não apenas à história das mulheres, mas a toda a história, já que propicia um campo fértil de análise das desigualdades e hierarquias sociais.

Essas novas representações são percebidas nos enredos de diversos contos colasantianos. Através de uma linguagem esteticamente trabalhada, aliada ao mítico, ao fantástico e ao maravilhoso, a autora faz alusão aos embates ideológicos que permeiam o mundo real. As histórias retomam a estrutura dos contos de fadas tradicionais e promove uma atualização dessas produções.

Nesse sentido, ao analisarmos a fortuna crítica sobre a literatura de autoria feminina, percebemos que por muitos séculos não foi permitido às mulheres fazer-se ouvir através do discurso literário, e, atualmente, em pleno século XXI, momento em que muitas discussões se alongam em torno dessa problemática, as questões em torno da relação mulher e escrita ganharam um contexto mais amplo. Conforme apresenta Lúcia Zolin (2009, p. 51):

Nas últimas décadas, muitas facções da crítica literária têm definido a necessidade de se considerar o texto literário em relação ao contexto em que o mesmo se encontra inserido, por considerarem que, de alguma forma essas instâncias estão irremediavelmente interligadas. No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão se deve muito ao feminismo, que colocou em evidência as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária.

Destarte, a mulher na literatura é um aspecto relevante dos estudos Culturais de Gênero, tanto no que se refere à produção de obras literárias quanto ao exame de sua representação como personagem.

Desse modo, presencia-se na modernidade um período de transformações sociais, políticas e culturais que abalaram os postulados e o pensamento ocidental também no campo artístico. Sobre as reflexões em relação às questões contemporâneas na literatura, Cecil Zinani (2006, p. 17) defende que:

Observa-se na contemporaneidade, o questionamento da certeza de um mundo estável e equilibrado, ocasionado pela queda de barreiras políticas e econômicas e pela abertura para novas formas de cultura. A permeabilidade das fronteiras entre o canônico e não canônico, entre a cultura erudita e a popular. A emergência e o reconhecimento de formas híbridas são manifestações que solaparam o mundo das

certezas, promovendo a fragmentação e mesmo a desintegração do conhecimento literário enquanto tal.

Conforme a afirmação de Zinani houve o aparecimento de novas metodologias que possibilitaram repensar a história da literatura em bases epistemológicas condizentes com o pensamento contemporâneo. Movimentos sociais importantes também contribuíram para essas mudanças.

Por isso, a atuação da crítica feminista a partir do século XX, tem ajudado na nesse redimensionamento e na reconstituição do cânone literário, pois tem atuado na análise e no resgate de autoras e obras que não apareciam nos manuais literários por terem seu valor artístico questionado. Nessa perspectiva, a presença feminina na literatura, depois de muitos séculos de exclusão, é agora validada pela participação ativa nos rumos da história e pela representação das mulheres e de outras minorias excluídas.

3 A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno

A reflexão sobre a representação da menina e da mulher apresentada nos contos de Marina Colasanti propõe um revisionismo crítico na interpretação desses sujeitos sóciohistóricos, uma vez que essas personagens quando representadas na literatura apareciam enfeitadas de estereótipos, marcadas pelo silêncio e pela obediência aos valores vigentes. Na narrativa de Colasanti isso é reinterpretado, tanto a imagem da menina e quanto da mulher aparecem atualizadas com os novos paradigmas sociais e pela busca por espaço e voz.

Ancorados no conceito de gênero, identidade e representação anteriormente mencionados e a partir dos pressupostos característicos da Literatura Infantil, abordaremos a correlação entre esses conceitos e de que forma eles permitem novas discussões sobre as obras que trazem outras formas ficcionalização da mulher.

O conto *Além do bastidor* apresenta uma menina cuja atividade principal era tecer. No início do conto, o leitor percebe como a protagonista realiza seu ofício: “começou com linha verde, não sabia o que bordar, mas tinha certeza do verde” (COLASANTI, 2003 p. 13). Aos poucos, os resultados do trabalho intenso da menina vão aparecendo. Inicialmente “um capim alto como se olhasse para alguma coisa” (op. cit. p.13). Nesse e em outros trechos, a figura de seres inanimados aparece personificada, representando que a literatura traz a criança para um encontro com a língua em suas formas mais complexas e variadas.

Assim como em outros contos de fadas uma mulher atua como protagonista, dessa vez uma menina que tece seu bordado, seguindo o hábito que inúmeras mulheres ao longo da história. Sobre essa configuração temática, Joan Gould, por meio do estudo “Fiando palha, tecendo ouro” (2007), explica a relação existente entre essas imagens arquetípicas nos contos de fada e as transformações na vida da mulher, conforme trecho seguir:

O ato de tecer é uma metáfora de transformação, e transformação é o trabalho da mulher. A mulher da casa tece linho ou lã fazendo um fio com o qual se faz roupas; depois converte roupas velhas em retalhos, retalhos em colchas ou tapetes, e colchas ou tapetes em arte. Ela transforma, ou costumava transformar, o grão em farinha, a farinha em pão, que se torna alimento para sua família. É um meio de alcançar uma forma interior de transformação. Uma vez que a magia da mulher é uma metáfora para o crescimento natural. (p. 19)

Assim, a protagonista vai construindo seu “universo”. Sua determinação e disciplina aumentam à medida que o desenho bordado vai ganhando forma: “Toda manhã, a menina corria para o bastidor, olhava, sorria, e acrescentava mais um pássaro, uma abelha, um grilo escondido atrás de uma haste” (COLASANTI 2003, p. 19).

O conto retoma a estrutura tradicional do conto de fadas: lugares e espaços não definidos, personagens inominados, além da configuração mítica e histórica própria dos contos de fadas originais. Entretanto, sobressai-se a voz autoral

feminina bem evidente na narrativa: a menina que protagoniza a história busca a liberdade em um lugar construído por ela, um universo imaginado e bordado fio a fio em seu bastidor. Esse novo paradigma representa uma mudança em relação aos discursos que formavam o cânone literário até então vigente.

Ressalta-se que as vivências femininas eram restritas ao espaço doméstico, de acordo com Michele Perrot. Essa é uma das marcas históricas que dificulta o estudo da vida das mulheres ao longo da história, “pois o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar – as paredes da casa abafavam os gritos das mulheres e das crianças.” (PERROT, 2005, p. 10). Participaram desse silêncio, também as crianças, como declara Marisa Lajolo: “Junto com crianças, mulheres, negros, índios e alguns outros segmentos da humanidade foram ou continuam sendo outros eles e outras elas no discurso que os define.” (LAJOLO, 2009, p.226).

No conto *Além do bastidor*, a menina interage com a natureza e a fantasia ganha espaço. Diante dos novos desafios, ela não demonstra medo ou insegurança, confirmando que o maravilhoso, o imaginário e o fantástico deixaram de ser vistos apenas como pura fantasia para serem vistos e tratados como portas que se abrem para as verdades humanas.

A esse respeito, Zilberman e Lajolo (2005, p. 123), no capítulo *Indústria cultural & renovação literária*, registram escritores e as tendências atuais, avaliando que além do retorno às narrativas fantásticas há também histórias que encenam de forma consciente a realidade brasileira, principalmente a miséria e o sofrimento infantil. A criança, antes retratada de forma modelar, com obediência e passividade, agora rompe com a normatização do mundo dos adultos na busca de liberdade de expressão e de pensamento, além da valorização da capacidade infantil de inventar e imaginar novas realidades, deslocando verdades cristalizadas (op. cit. p. 123):

As reflexões até agora sugeridas pela literatura infantil contemporânea apontam

para a consolidação do gênero: bem visível na perspectiva concreta da produção e consumo das obras para crianças, manifesta-se também no plano interno, isto é, nas formas e conteúdos desses livros. No entanto, nem a documentação crítica da realidade contemporânea brasileira, nem a absorção muitas vezes criativa de elementos da cultura de massa, nem mesmo o esforço de renovação poética dão conta de todas as faces assumidas pela atual produção literária infantil brasileira.

Essa nova perspectiva é observada pela protagonista do conto *Além do bastidor*, conto, em que a garota constrói um novo universo. O leitor percebe que tudo aquilo que fora construído não era somente visível a ela, sua irmã percebe os resultados do trabalho da menina e entende que a nova realidade vai além daquele bastidor. A irmã constrói a imagem da protagonista, que passaria a viver definitivamente dentro de seu bordado. A tecelã que estava aparentemente presa à sua realidade ingressa em um ambiente mágico e perfeito que ela mesma criou, o que demonstra as novas tendências da literatura infantojuvenil, pois a criança agora ocupa outras funções e protagonizam seus destinos. Ressaltando a forma como a criança foi e é representada na literatura, é pertinente considerar a seguinte afirmação de Marisa Lajolo:

Enquanto formadora de imagens, a literatura mergulha no imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, sejam estas científicas, políticas, econômicas ou artísticas. (LAJOLO, 2009, p. 228)

O leitor, assim como em outros contos contemporâneos, constrói um diálogo intertextual, percebendo a mudança na representação da personagem, não só como marca de diferença entre os sexos, mas como componente político e social. A autora permite um questionamento a valores historicamente difundidos, e (re)dimensiona a condição da menina. A partir de uma construção de imagens poéticas leves, da delicadeza do tema e a ambiência que perpassa o lirismo, a questão feminina é revisitada, mas sem o viés panfletário.

Por outro lado, além desses padrões que perscrutam as obras de Colasanti, ainda há elementos constituintes desses textos que “são testemunhos de atividades oníricas classificadoras da consciência do sujeito histórico do devir, mesmo quando essas narrativas dão a impressão de uma fuga da realidade, a criança sabe que está sendo conduzida para fronteiras do imaginário” (CALADO, 2005, p. 9). Portanto, permitem o encontro com a alteridade tecida por imagens, vozes e palavras apoiadas em uma imaginação. A personagem aparece de forma livre, sem interdições e a partir do novo universo que construiu e passou a morar, propõe uma nova forma de representar a menina, que foi duplamente silenciada: por ser criança e por ser mulher, entende-se que novos paradigmas e novos ares de liberdade são formulados, para além daquele bastidor.

Temática semelhante é verificada em *A moça tecelã*. Nesse conto, a autora faz alusão novamente a uma atividade que era destinada às mulheres: tecer, bordar. Essa personagem possui um tear também com um poder mágico. Em harmonia com a natureza, ela produz um tapete que “nunca acabava”, conforme comprovamos logo no início da narrativa (COLASANTI, 2003 p. 08):

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor de luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

No entanto, vem o tempo em que se sente só e tece para si um marido, desejando na sequência, filhos. Quando o marido descobre o poder do tear esquece de todo o resto e a escraviza. A jovem passa a trabalhar sem parar e sem descanso para produzir todos os bens que o companheiro passa a exigir, inclusive um palácio com uma torre, onde ele pretende escondê-la, para que ela continue, em segredo, seu trabalho: “A noite chegava e ela não tinha tempo para arrematar o dia” (op. cit. p. 9).

A protagonista se vê então mergulhada em uma profunda tristeza, sente saudade do tempo em que mesmo sozinha sentia-se feliz. Espera o anoitecer, e, segurando sua lançadeira ao contrário, destece todas as riquezas que produziu e depois o companheiro, que acorda tarde demais e não tem sequer o tempo de se levantar, justamente a ponto de ver “o nada” subir-lhe implacável pelo corpo. Ao final a jovem volta a viver na mesma harmonia do início da história.

Neste conto, o companheiro representa a dominação, porém é possível identificar no transcorrer da história que a mulher não se rende por muito tempo e tendo consciência do poder do seu tear, “destece” o marido, recuperando sua felicidade.

Percebe-se o retorno dos clássicos universais, de clássicos brasileiros, de contos de fadas, de histórias exemplares, da mitologia grega indígena e africana, além de temas voltados para as histórias interpessoais e para o relato de vida e obra de artistas que escreveram seus nomes na história brasileira e ocidental. No entanto, esse retorno ao passado também permite uma renovação da literatura brasileira, pois não são meras adaptações: elas concretizam a busca de uma identidade nacional tanto na língua quanto na matéria que lhe serve de tema. Sobre esse aspecto, Lajolo e Zilberman (2005 p. 128) defendem que:

Um exame mais detalhado das personagens que perpassam a literatura infantojuvenil atual mostra-nos que as princesas reaparecem, porém, alternando finais, deslocando pontos de vista, recolocando cenas. As produções a partir da década de 1970 apoderaram-se do estatuto das princesas para desmitificá-lo, inaugurando novas linhagens. Os papéis fossilizados das personagens são, portanto, mexidos

Assim, é possível perceber várias recorrências temáticas entre os dois contos, principalmente, por apresentarem uma menina e uma mulher detentoras de seus destinos. Além disso, ao compararmos os contos *Além do bastidor* e *A moça tecelã* verificamos que eles não apresentam uma moral direcionada às crianças como acontecia nas narrativas clássicas. A ação dos dois textos está centrada no desejo de

libertação das personagens que protagonizam as histórias. Mesmo assim, a autora retoma uma imagem mítica que se repete em outros contos: a figura da tecelã ou bordadeira, atualizando a simbologia de tecer relacionada ao feminino. Desse modo, a obra permite a correlação com imagens arquetípicas humanas que são atemporais. Por outro lado, incorporam da realidade atual elementos novos, cujo desenvolvimento ocorre por superposição de extratos, por substituição ou reassimilação.

Por meio dessas ideias, pode-se entender que a literatura vem dando voz a uma nova consciência da mulher, não só em relação a si mesma. Em vista disso, as análises propostas neste estudo comprovam que há uma característica comum que identifica essas obras entre si: são estruturadas ou amalgamadas com a própria vivência do feminino, no ato de viver, ou melhor, a escrita literária, pós-revolução cultural dos anos 1960, já não objetiva apenas representar determinada realidade injusta, mas se quer (ou se pretende) fundadora ou instauradora de uma realidade outra.

4 Considerações finais

Os contos infantojuvenis analisados permitem que o leitor formule questionamentos e construa novas leituras em relação aos discursos predominantes em um longo período histórico. O primeiro conto analisado: *Além do bastidor*, apresenta uma menina que constrói seu próprio universo, gera uma nova realidade fio a fio, mostrando-se livre e independente. A criança, que ao longo da história foi vista como indivíduo que tinha apenas que obedecer e reproduzir os “bons comportamentos” passa a ocupar um papel bem mais importante, passa a ter voz. Assim, há uma dessacralização não só na representação da menina, mas nas relações familiares e sociais.

Em *A moça tecelã*, à mulher cabe a condução de sua própria vida, e ao sentir-se escravizada, “destece o companheiro” voltando a harmonia do início. Na modernidade, esses discursos se coadunam com as mudanças na estrutura social,

mesmo em meio a uma sociedade ainda marcada pelas interdições de gênero, a literatura cumpre sua missão emancipadora, oferecendo novos olhares para a representação feminina, que aparecia inquestionável quando construída pelas vozes autorais masculinas.

E, ao considerar que o entrecruzamento de estudos de gênero e literatura, principalmente em torno das questões relativas à mulher, favorece o surgimento de novos paradigmas, que incentivam novas interpretações e o preenchimento dos não-ditos que o texto apresenta. Por isso, é importante considerar a importância da recorrência temática presente e a busca pela identidade. Para a pesquisadora Elódia Xavier (1998, p. 13), a perspectiva social dos gêneros enriquece as análises literárias, pois “a abordagem interdisciplinar de qualquer objeto de estudo acrescenta novas dimensões a seu conhecimento”. No caso de textos produzidos por mulheres, eles servem, sem dúvida, como subsídio teórico, aponta para aspectos até então negligenciados.

Mesmo destacando temas e linguagem adequados para o público infantojuvenil, pode-se constatar que a escrita feminina de Marina Colasanti atinge leitores de várias idades. Pactua com eles o desafio de considerar novas leis, novas naturezas: tempos longínquos, reinos distantes, dons mágicos das fadas, princesas, que fogem às estruturas tradicionais, corroborando para a constituição de novos paradigmas e, principalmente visões de empoderamento na sociedade moderna.

Além disso, o século XX é apontado como o tempo onde o “novo” se constrói em meio a desencontros, perplexidades, acertos e desconsertos, com a diferença de que a partir desse período um dos elementos-chave da mudança em processo é o próprio mundo feminino, é a própria condição de mulher que tenta se redescobrir e se reequacionar em sintonia com as novas forças imperantes (COELHO, 2000, p. 121).

Agora desvinculadas de quaisquer compromissos pedagógicos, a nova literatura infantojuvenil obedece às novas palavras de ordem:

criatividade, consciência de linguagem e consciência crítica (COELHO, 2000, p. 130). Palavras que emanam de uma nova concepção de mundo: o homem entendido como ser histórico e criador de cultura, sendo a infância seu estágio fundamental; a palavra descoberta como poder nomeador do Real, e consequentemente a valorização do espírito questionador, lúdico, irreverente.

Os contos de fadas são em sua grande maioria histórias tradicionais femininas, transmitidas por mulheres de uma geração para a seguinte, de modo que tendem a mostrar heroínas abertas para receber e transmitir magia ou para partir para a ação com vigor. A partir das análises realizadas dos contos *Além do bastidor* e *Moça tecelã* podemos perceber que entre eles há várias recorrências temáticas, especialmente na configuração dos papéis de gênero. Como vimos, as mulheres são independentes, tecem seus “mundos”, vencendo os obstáculos, desafiam o modelo que lhes condicionava a uma passividade histórica e modificam seus “ finais felizes”, sem que seu marido ou pai tenha nenhuma interferência nisso.

Portanto, pode-se afirmar que a escrita infantojuvenil contemporânea, não só de Colasanti como também de autores de sua geração, já atua de modo independente e consolida seu compromisso com o padrão estético da linguagem, sem a finalidade de apresentar comportamentos a serem imitados, reconhecendo a função emancipadora e libertadora da literatura, o que permite uma releitura em relação à definição dos papéis sociais vivenciados pelos infantes, fazendo-os conhecer o “outro lado” da história.

5Referências

- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- CALADO, Eliana. *O encantamento da bruxa: o mal nos contos de fadas*. João Pessoa: Ideia, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- COLASANTI, Marina. *Uma ideia toda azul*. 14.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.
- _____. *Antes de virar gigante e outras histórias*. São Paulo: Ática, 2003.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org) *Literatura feminina: Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In.: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *História social da infância no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 229-250.
- MENDES, Mariza. *Em busca dos contos perdidos; O significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora da UNESP / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, vol 16, nº 2, Porto Alegre, jul/dez. 1990, p. 05.
- XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1998.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2005.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Literatura e gênero*. Rio Grande do Sul: EDUCS, 2006.
- ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica feminista*. In: BONICCI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.